

## Memórias do riso: as marcas do riso nas narrativas de mulheres feministas

CINTIA LIMA CRESCÊNCIO\*

Do que riem as mulheres feministas que fizeram parte de uma geração que vivenciou intensamente a década de 1970 e de 1980, momento de emergência dos movimentos feministas no Brasil, mas também de estabelecimento e de oficialização do machismo e da misoginia como mentalidade, e ainda como comprovação impressa, como no caso da imprensa? Que memórias tem essas mulheres desse período que, de acordo com Rachel Soihet (2007), foi de ampla violência simbólica contra movimentos que desejavam a construção de um mundo mais igualitário na significação dos gêneros? Como a piada e a zombaria são significados por suas narrativas atualmente? Há outras memórias desse período que levam o riso em consideração?

Explorando essas perguntas e tendo-as como ponto de partida que lanço o objetivo do presente artigo: perceber que memórias do riso foram e permanecem cruciais na formação de subjetividades de mulheres feministas que ainda hoje se encontram engajadas com as reivindicações de mulheres. Esse questionamento emerge articulado à percepção bastante corriqueira de que ser feminista na década de 1970 era ser vítima de piadas, de chacota e de desrespeito. A partir disso cabe questionar, portanto, que tipos de riso marcaram a memória dessas mulheres e de que maneira elas percebem hoje essas marcas?

Para tentar responder essas perguntas, nesse artigo, analiso 3 entrevistas realizadas entre os dias 8 e 9 de novembro de 2012, em Florianópolis, ocasião em que ocorreu o evento *REF 20 anos: militância e academia nas publicações feministas*, evento que trouxe uma série de mulheres feministas à cidade, dentre elas as professoras universitárias: Hildete Pereira, Ana Alice Alcântara Costa e Iara Beleli, que conversaram comigo nos intervalos do evento e me autorizaram a fazer uso da transcrição de suas falas. Todas elas se declararam leitoras de periódicos alternativos que circulavam no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980, sendo esse o critério de seleção das entrevistadas. As entrevistas tiveram um caráter temático, com ênfase nos motes feminismos, periódicos e riso, e seguiram um breve roteiro elaborado por mim.

---

\* Doutoranda em História UFSC e bolsista CNPq.

2

No roteiro procurei contemplar a trajetória feminista dessas mulheres, sua relação com os periódicos alternativos e feministas da época, bem como suas memórias sobre o uso do riso nessas publicações.

A escolha pelo uso de fontes orais tem relação direta com minha pesquisa de doutorado intitulada *Quem ri por último, ri melhor: o humor na imprensa feminista do Cone Sul durante as ditaduras civis-militares (segunda metade do século XX)*, projeto motivado pela localização de centenas de tirinhas e charges que exploraram o riso a partir da reflexão feminista em periódicos alternativos declaradamente feministas, fontes ainda inexploradas pela historiografia.

Nesse texto, apesar das hipóteses levantadas em meu projeto de tese, no entanto, o objetivo é partir das narrativas de feministas que liam e produziam jornais tanto feministas como não-feministas, para perceber de que modo elas rememoram piadas e zombarias. Não se trata de comprovar a partir dos depoimentos orais a credibilidade de meu projeto de tese, de que feministas se apropriaram do riso como arma revolucionária, trata-se sim de evidenciar de que modo os diferentes risos marcaram as memórias dessas mulheres.

Joana Maria Pedro, em viagem a La Paz, registrou frases de protesto elaboradas por mulheres que fizeram uso do humor recentemente, e não na década de 70, como sugiro. A pesquisadora aponta que palavras de ordem bem humoradas “fazem rir e tentam, assim, marcar na memória, pelo ridículo e pela ironia, aquilo que consideram que deva ser transformado” (PEDRO, 2009: 3). Foi partindo dessa premissa, de que o riso pode ser compreendido como um marcador de memórias, que projetei o presente texto, mas foram as narrativas orais que definiram os rumos dessa análise. Se inicialmente previ que esse riso feminista marcou também memórias, a partir das entrevistas pude perceber que o riso machista, preconceituoso e misógino do periódico O Pasquim foi o grande marcador de memória dessas mulheres, na medida em que ao se lembrarem do riso, foi o referido jornal que foi citado, e não os feministas que se aventuraram no uso do humor.

Nesse sentido, esse texto foi pensado a partir de 2 eixos: o primeiro contempla esse riso que marcou mais fortemente a memória das mulheres entrevistadas que elegeram o alternativo O Pasquim, reconhecido pela historiografia pelo machismo

3

infinito, como a publicação que mais perturbava, incomodava e ofendia entre as décadas de 1970 e 1980. Assim, pretendo, no primeiro tópico, articular os depoimentos com a trajetória dessa publicação sempre lembrada negativamente pela historiografia feminista; o segundo refere-se ao riso feminista dos periódicos feministas brasileiros que, embora expressado pela publicação de dezenas de charges e tirinhas, não foi citado por essas mulheres como algo significativo. Frases como “não me lembro” foram verbalizadas quando da pergunta: você se lembra dos periódicos feministas explorarem o riso como instrumento de reflexão? Esses 2 eixos integram os tópicos que compõem a sequência do texto que pretende mostrar os diferentes usos do riso, bem como as variadas formas que ele, o riso, marca memórias.

### **O Pasquim: o riso dos homens, mas também das mulheres**

Friedrich Nietzsche afirmou que “... o que não cessa de causar dor fica na memória” (NIETZSCHE, 1988: 61). Essa citação, talvez, justifique o apreço que a historiografia feminista reserva para acusar o alternativo O Pasquim por seu desrespeito e perseguição às feministas. Rachel Soihet, em extensa pesquisa sobre o referido jornal, acusou seus idealizadores de promoverem uma espécie de violência simbólica contra mulheres que lutavam pela construção de uma sociedade mais justa. Segundo a autora, as charges, as tiras e as piadas produzidas e publicadas pelo periódico colaboraram na afirmação de feministas a partir de estereótipos de mulheres feias e lésbicas (SOIHET, 2007: 50).

Em depoimento, Hildete Pereira destaca o que significava naquele momento o tratamento concedido pel’ O Pasquim às feministas.

*Essa acusação já nos colocava na defensiva, era um “auê”. Como rir, nem abriu a porta, está arrombando portas e já é recebida como mal humorada, como feia, como “não arranja um homem e é por isso que adota essa bandeira”. Essa é uma forma muito fácil dos homens nos colocarem em uma vulnerabilidade muito forte (PEREIRA, 2012).*

A posição da narradora é muito semelhante a das outras entrevistadas, bem como de outras mulheres que escreveram sobre O Pasquim após anos de militância feminista,

4

sempre sob a pecha do que significava dizer-se feminista naquele momento. Os feminismos brasileiros, portanto, além de terem de enfrentar o conservadorismo da sociedade civil, do regime civil-militar que comandava o país naquele momento, ainda depararam-se com a oposição de um jornal que, embora se afirmasse libertário, colocava às mulheres em uma situação de “vulnerabilidade muito forte”, como demonstra trecho do depoimento. Embora dispositivo de memórias negativas nas narrativas feministas, O Pasquim, na história da imprensa brasileira, é citado como o mais importante alternativo do período.

De acordo com Paolo Marconi, Ziraldo, Tarso de Castro, Henfil, Jaguar e Millôr, fundaram o semanário O Pasquim em 1969 (MARCONI, 1980: 308). Inaugurado em um dos momentos mais tensos da ditadura brasileira, 1 ano após a decretação do AI5, o alternativo prometia inovar dentro da própria imprensa alternativa. Conforme Andréa Queiroz:

*O Pasquim possuía uma linguagem diferente dos outros alternativos da época. A principal idéia era dar voz a uma intelectualidade boêmia da zona Sul do Rio de Janeiro, mas sem um engajamento político-partidário. Era um grupo interessado em contestar o conservadorismo da classe média, da qual eles mesmos faziam parte, como também criar um canal de debate e oposição à ditadura civil-militar (1964-1985) (QUEIROZ, 2011: 8).*

A autora aponta o caráter suprapartidário do jornal, ocupado mais em criticar costumes e opor-se ao autoritarismo da ditadura militar. Contudo, é importante considerar que os homens que faziam o semanário não estavam completamente alheios aos rumos institucionais da política. Prova disso são as eleições de 1982, em que se identifica Ziraldo apoiando o PMDB, Jaguar o PDT e Henfil o PT (QUEIROZ, 2004: 246). Já Millôr apoiou Brizola, candidato pelo PDT ao governo do Rio de Janeiro. Apesar de apartidário, o que noto é uma simpatia não só com a resistência ao regime civil-militar, mas também com a esquerda da época, com exceção de Ziraldo.

O objetivo dessa imprensa alternativa era de crítica dos costumes e do moralismo da classe média, sem ser estabelecida uma crítica da cultura das esquerdas, mesmo que essa tenha sido abandonada como filosofia de vida. Por meio do humor e de uma nova forma de linguagem, principalmente n’O Pasquim, mas também nessa imprensa alternativa de modo geral, foram afastadas as lógicas empresarial e

5  
hierárquica, buscando-se uma forma alternativa de se fazer jornalismo (QUEIROZ, 2004: 232), em função disso o afastamento do que se convencionou chamar de grande imprensa, a favor da alcunha imprensa alternativa.

Apesar da resistência das entrevistadas com o conteúdo do jornal, é importante salientar que nenhuma delas relatou cogitar a possibilidade de abandonar a sua leitura, mesmo que seu conteúdo, no que se refere ao tratamento das mulheres, seja sempre condenado. Em depoimento, Ana Alice Alcântara Costa afirmou que: “O Pasquim, para gente, era a subversão, a possibilidade de ler coisas não permitidas, era a ideia da transgressão. Era divertido, porque ele era um jornal de humor [...]” (COSTA, 2012). O uso da palavra “subversão” não é inadequado, muito pelo contrário, o jornal agradava exatamente por sua linguagem inovadora que, entretanto, pecava no tratamento a um movimento social como o feminismo.

Essa mesma entrevistada, ao ser questionada sobre a atuação dos integrantes do jornal que mais a perturbavam, lembrou da figura de Ziraldo que, segundo ela: “... era asqueroso. O desenho dele não era uma coisa civilizada” (COSTA, 2012). A lembrança do primitivismo de Ziraldo não é única, o desenhista é famoso por desagradar feministas por sempre procurar trazer mulheres de volta ao lar e por colocá-las na posição de objeto sexual, como fica evidenciado na charge a seguir.



ZIRALDO. O Pasquim, n. 588, Rio de Janeiro, 3 a 9 out. 1980, p. 8.

6

Na imagem de autoria de Ziraldo, duas pessoas picham uma parede com dizeres similares. A palavra “nus”, ao ser substituída pela palavra “nos”, reforça a função de objeto dos corpos femininos, ressaltada ainda pelas roupas da mulher representada, enquanto o “nos” apenas exalta o direito ao corpo garantido aos homens. Charges com esse teor são comuns nesse período, embora muitos cartunistas produzissem charges que divulgavam as causas das mulheres e dos movimentos feministas, como é o caso de Henfil<sup>1</sup>. Esse tipo de atitude com teor conservador, contudo, é a principal característica da chamada imprensa alternativa, não só d’ O Pasquim.

Segundo Anne Marie-Smith: “Entre as matérias cobertas pela imprensa alternativa contam-se a política, cultura, humor, ficção, questões raciais, feminismo, direitos dos homossexuais e assuntos comunitários” (SMITH, 2000: 58-59). Temas que, de maneira geral, não eram foco de análise da grande imprensa. Apesar dos temas inovadores que preenchiam as páginas das mais diferentes publicações alternativas, boa parte delas abandonava o humor politicamente desafiador em benefício do humor absurdamente racista e sexista (SMITH, 2000, p. 58-59). Céli Regina Jardim Pinto identifica os problemas enfrentados pelo feminismo no Brasil durante esse período, demonstrando as dificuldades de “adaptação” de suas perspectivas.

*[...] o feminismo era mal visto no Brasil, pelos militares, pela esquerda, por uma sociedade culturalmente atrasada e sexista que se expressava tanto entre os generais de plantão como em uma esquerda intelectualizada cujo melhor representante era justamente o jornal Pasquim, que associava uma liberalização dos costumes a uma vulgarização na forma de tratar a mulher e a um constante deboche em relação a tudo que fosse ligado ao feminismo (PINTO, 2003: 64).*

Como demonstrado na citação, o emergente feminismo de segunda onda<sup>2</sup> brasileiro enfrentava uma série de obstáculos. Não bastasse a opressão de um governo

---

<sup>1</sup> Henfil é considerado um dos principais nomes dos quadrinhos brasileiros. Morreu jovem em 1988, mas passou por boa parte da imprensa brasileira: Diário de Minas, Diário da Tarde, Última Hora, O Cruzeiro, Correio da Manhã, Jornal da Tarde, Realidade, Placar, Status, Nova, Opinião, Movimento, Folha de S. Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, Jornal dos Sports. Nos quadrinhos realizou-se através de duas séries, Fradinhos e Capitão Zeferino (GOIDANICH & KLEINERT, 2011: 215). Henfil teve muitas de suas tirinhas publicadas em periódicos feministas.

<sup>2</sup> Didaticamente o feminismo é dividido em duas ondas: a primeira refere-se às manifestações que reivindicavam a ampliação dos direitos civis de mulheres no final do século XIX e início do século XX; a segunda faz referência às manifestações iniciadas na década de 1960 em que as bandeiras de luta estavam articuladas a questões de sexualidade e de subjetividade. Apesar dessa estrutura de ondas ser funcional, é

7

ditatorial e autoritário que proibia o direito de reunião, ainda era preciso lidar com as críticas elaboradas pela esquerda e principalmente pelo semanário O Pasquim. A publicação, pela notoriedade e fúria que promoveu, é sempre lembrada nas narrativas historiográficas que se preocupam em contar a história dos feminismos no Brasil, como pode ser evidenciado pela citação anterior.

Dos episódios incansavelmente destacados, consta a entrevista concedida por Betty Friedan ao semanário em 1972, por ocasião de sua visita ao Brasil. A feminista que influenciou gerações de mulheres, nas páginas d' O Pasquim, foi chamada a lavar panelas e ainda foi acusada de ser feia pelos jornalistas que editavam o jornal. As mulheres entrevistadas para a produção desse artigo, motivadas pela vivência daquele período, ou ainda construídas pelos discursos que contam histórias feministas, também fizeram questão de rememorar esse episódio ao serem questionadas sobre o que incomodava no conteúdo d' O Pasquim.

*A entrevista da Betty Friedan foi uma coisa que incomodou. Me incomodou o escracho da Leila Diniz de deixar eles brincarem. Eu não sei até que ponto era uma consciência feminista ou um pensamento conservador de estar pensando na forma que eles tratavam as mulheres. Mas eu me lembro que uma coisa que me incomodou muito foi a entrevista da Betty Friedan e a piada: dá um fogão para ela (COSTA, 2012).*

*Quando a Betty Friedan veio e deu a entrevista que O Pasquim fez aquela gozação, ficou muito desagradável... (PEREIRA, 2012).*

O destaque para o desconforto causado pela entrevista com Betty Friedan foi notório. Os revolucionários e subversivos, em diálogo com a feminista estadunidense, assumidamente liberal, tomou rumos desrespeitosos a ponto de marcarem memórias, memórias que são constituídas pela experiência, mas também pelos discursos que compuseram o episódio. Paul Ricouer reforça que a memória é incorporada à própria constituição da identidade que se dá por meio da função narrativa (RICOUER, 2007: 98), ou seja, ser feminista é também compartilhar memórias.

Além disso, o embate entre esquerda e o que se considerava símbolo do capitalismo, não pode ser deixado de lado. A esquerda, mesmo que espaço privilegiado

8

de emergência dos feminismos, resistiu fortemente a luta das mulheres, por considerar esta uma luta menor. Conforme Annette Goldberg, nesse contexto as mulheres conseguiram romper com muitos padrões morais, mas acabaram esbarrando em uma identidade de esquerda que não assimilava as discussões de gênero (GOLDBERG, 1987: 39-40). Apesar da resistência, no Brasil, foi possível a criação de um projeto feminista de esquerda (GOLDBERG, 1987: 169-170).

As ressalvas à produção do alternativo O Pasquim são muitas, afinal, sentimentos como raiva e desapontamento são comuns a tudo que é humano. No entanto, o lamento pela perseguição do jornal não anula o papel que, somente hoje, essas mulheres conseguem atribuir a essa controversa publicação. Se na época a fúria compunha as relações das feministas com O Pasquim, uma análise posterior e atual permitiu que essas 3 mulheres revissem suas impressões antes tão definitivas, mesmo que com ressalvas. Perguntada de sua avaliação sobre o jornal hoje, 30 anos depois, Hildete Pereira respondeu:

*Eu acho que ele prestou um desserviço. Eu me rendo a ideia de que falar de mim, bem ou mal, é uma forma de colocar o problema. O fato do Pasquim assumir uma postura tão machista significava que as questões que nós estávamos colocando ressoavam. É um reconhecimento da ressonância da temática que era trazida por nós, da questão da igualdade. Eles usavam o recurso do humor para desqualificar. Por mais que eles pudessem estar bem intencionados, que era simplesmente: vamos brincar, a brincadeira também serve; acabava desqualificando a questão. Trazia a tona, mas ela permitia uma desqualificação. Talvez daí essa tensão permanente entre nós e eles e a pecha de que as feministas eram mal humoradas (PEREIRA, 2012).*

O relato inicia com a constatação que o periódico prestou um desserviço ao feminismo, mas logo na sequência a entrevistada reconhece que, no mínimo, os problemas feministas foram colocados em pauta. O olhar mais maduro, contudo, identifica que o jornal serviu para a constituição de estereótipos que permaneceram, não se perderam nas páginas do jornal.

Questionada no mesmo sentido, Ana Alice Alcântara Costa afirmou:

*Eu acho que ele contribuiu. Eu não diria que mesmo com aquela coisa ele tenha prestado um desserviço porque, gostando ou não, ele trazia. Essa coisa que me marcou da entrevista com Betty Friedan, mas eu fui descobrir a Betty Friedan pelo Pasquim, mesmo com a piadinha deles, eles abriram espaço para determinadas*

*mulheres falarem coisas diferentes. A entrevista da Leila Diniz quebra, desarruma nossa cabeça e outras mulheres que eles entrevistaram. Eles reconheciam esse papel, mesmo que eles resistissem, mas eles abriam essa possibilidade. O conjunto de entrevistas, a própria brincadeira com o feminismo, acabava sendo o veículo de divulgação também do feminismo que chegava. Se a gente pegar hoje O Pasquim daquela época e pensar naquele contexto, ele era inovador e ele possibilitava isso. E tem um campo que ele foi muito importante, que é a sexualidade: a mulher dá para quem quer. Para eles essa do “dar” era o “dar” de usar as mulheres, mas era uma possibilidade de você estar discutindo essa coisa da sexualidade mais autônoma, ele traz esse diferencial que o campo da esquerda tradicional não trazia tanto, porque continuava tratando certas questões como tabu. Ele teve isso. Nesse ponto, de repente, ele traz mais contribuições do que O Movimento fazendo um discurso certinho (COSTA, 2012).*

Do trecho selecionado destaco a relevante informação de que Betty Friedan foi descoberta por uma feminista atuante ainda hoje, pelas páginas d’ O Pasquim. Se o jornal ofendeu, desqualificou, prestou um desserviço aos feminismos e às feministas, a citação demonstra que, de certo modo, ele colocou as mulheres em cena, mulheres que não eram evidenciadas pelo jornal O Movimento, por exemplo, jornal de esquerda que tinha como proposta ideológica enfatizar as questões políticas, política entendida em seu sentido institucional. Ana Alice Alcântara Costa destacou ainda em seu depoimento a questão da liberação sexual. Para ela, mesmo que por motivos errados, O Pasquim era o único meio a difundir a ideia de que as mulheres tinham direito a exercer sua sexualidade como bem entendessem.

Iara Beleli, ao ser perguntada se lia O Pasquim, informou que lia e que “... ficava completamente enlouquecida e raivosa” (BELELI, 2012). Ela reforça:

*Eu tinha muita raiva do Pasquim, eu achava misógino, eu achava que destratava as mulheres, que brincava com as mulheres de um jeito... Claro, naquele momento eu não pensava que elas não eram, para eles, sujeitos, eu consigo elaborar isso hoje, naquele momento eu só me incomodava e ficava muito brava. E hoje eu fico pensando, não sei, que talvez O Pasquim tenha colocado na cena uma questão que o jornal O Movimento, por exemplo, não colocava, as mulheres nem existiam (BELELI, 2012).*

Com um discurso bastante semelhante, em que até a comparação com O Movimento se faz presente, Iara Beleli destaca a revolta causada pel’O Pasquim, indignação que foi substituída pela compreensão de que o jornal, ao menos, permitia a existência das mulheres em suas páginas. Ela prossegue

*Eu acho que O Pasquim foi muito importante, porque os outros sequer mencionavam, absolutamente ignoravam. Então acho que O Pasquim, de uma maneira enviesada e torta, pôs o movimento feminista na cena, até para que a gente pudesse contestar esse tipo de bordão e pudesse vir dizer o que é que o movimento feminista estava propondo (BELELI, 2012).*

Em última análise, todas as entrevistadas concordaram que, para o bem ou para o mal, a função d'O Pasquim naquele momento foi positiva, na medida em que ele “colocou o movimento feminista em cena”. A impossibilidade de divulgar as bandeiras e ganhar mais espaço fez com que a atenção dedicada pelo jornal aos movimentos feministas, mesmo que sempre baseadas na chacota e na piada, acabasse sendo compreendida como algo produtivo. Obviamente, com muitos custos. Essa benevolência, talvez, possa ser articulada a ideia de que lembrar-se é não esquecer e esquecer é ter que perdoar (RICOUER, 2007: 451).

As narrativas das 3 mulheres sobre o alternativo O Pasquim variam entre sentimentos de raiva, de fúria, de indignação, a um sentimento de certo reconhecimento, a partir de um contexto em que “ter voz” era um grande desafio. O passar do tempo, componente da memória, como afirma Paul Ricoeur (2007, 35), favoreceu um olhar mais generoso sobre a publicação, no caso dessas 3 feministas, já que é importante lembrar que essa visão provavelmente não é generalizada, demonstrando a importância d'O Pasquim e as marcas que ele deixou nessas memórias. Memórias que, em se tratando do uso do riso em periódicos feministas, foi composta mais de esquecimentos do que de lembranças.

### **O riso feminista**

O documentário “O riso dos outros”<sup>3</sup>, de direção de Pedro Arantes, lançado no final de 2012, de certo modo, resume um debate acerca do riso que vem sondando os debates feministas desde a década de 1960, quando mulheres engajadas com a causa questionavam os modos de fazer rir de periódicos alternativos como O Pasquim. No filme o personagem principal é: o limite do riso. O fazer rir, como apresentado na

---

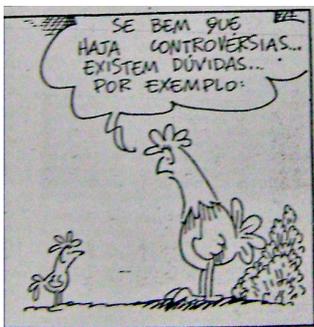
<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PRQ1LuBWoLg> Acesso em 10 de janeiro de 2013.

11

película, é sempre baseado no rir de alguém em benefício do riso dos outros, como o próprio nome indica.

O humor é frequentemente levado em consideração em vista de seu potencial danoso, como o explorado pelo filme, capaz de construir estereótipos e fortalecer-se sobre eles, fazendo rir por meio da chacota, da piada, da ridicularização de algo ou alguém. Quentin Skinner destaca que por meio do riso podemos arruinar a causa do adversário e persuadir a audiência por meio do insulto (SKINNER, 2002: 9). Nessa perspectiva o humor é compreendido como ferramenta eficaz no combate a certas posturas políticas, sociais, culturais e etc., questão relativamente conhecida, na medida em que não chega a ser novidade os alcances do riso na desqualificação de acontecimentos, pessoas e ideologias. Henri Bergson destaca que o riso é um gesto com significação e alcance sociais, mas que ao final serve como castigo que se estabelece por meio da humilhação (BERGSON, 1933: 98). É esse tipo de riso, teoricamente elaborado e vivido na prática, que marcou as memórias das 3 entrevistadas.

Mas, e o riso feminista? Como se configura o riso de uma “minoría” que tem sido construída como o alvo de piadas e não o promotor do riso? É possível fazer uso da expressão riso feminista em um contexto sempre lembrado pela ridicularização, pela chacota, pela perseguição, como fizeram questão de demarcar as entrevistadas? Minha hipótese é que sim, é possível pensarmos em um riso feminista, na medida em que, embora poucas marcas tenha deixado na memória das interlocutoras desse artigo, o riso também foi arma de intervenção feminista, o que pode ser indiciado pela tirinha da sequência.



CICA. Mulherio. Brasil. Junho/Julho de 1981, edição 2. p. 12<sup>4</sup>.

Certamente esse tipo de conteúdo não provoca o mesmo riso de outras produções humorísticas imagéticas. A tirinha não está baseada na humilhação do outro, mas sim na tristeza de uma constatação linguística e social: a mulher será humana. Uma ferramenta do humor, portanto, nesse exemplo, foi usada para provocar a reflexão. O riso feminista, inconstante e pouco habitual, é subversivo, transformador e esquecido.

Hildete Pereira, quando questionada sobre tirinhas e charges nos periódicos Nós Mulheres e Brasil Mulher, respondeu: “Nenhum dos dois jornais eu lembro dessas tiras, mas eu não sou boa nisso porque eu não sou fã de tirinha [...] Só lembro da repugnância que eu tenho com as piadas machistas” (PEREIRA, 2012). A negativa se repetiu quando o questionamento foi sobre o Mulherio.

Dar ênfase ao esquecimento de uma modalidade de riso feminista não significa condenar mulheres que liam periódicos, deparavam-se com tirinhas e charges de conteúdo feminista, e esqueceram-se disso. Não se trata de encarar o esquecimento como uma disfunção clínica, hipótese muito bem rejeitada por Paul Ricoeur (2007:428), trata-se sim de refletir para tentar compreender os motivos do riso feminista não ter marcado memórias, mais especificamente as memórias das 3 entrevistadas, de maneira eficaz como marcaram as charges do alternativo O Pasquim.

O esquecimento é designado obliquamente como aquilo contra o que é dirigido o esforço de recordação, e esse esforço de recordação quando bem sucedido recebe a nomeação de “memória feliz”, que nada mais é que uma recordação bem sucedida (RICOEUR, 2007:46). Nessa conceituação, o “não lembrar” de Hildete Pereira sinaliza uma memória lisa, isto é, não marcada, ao contrário de lembranças que insistem em constituir uma memória machista e preconceituosa de outros jornais. A pergunta, e a dúvida, que permanecerão, são os motivos para que o riso feminista, o riso que subverte exatamente por não explorar estereótipos de modo convencional, componha o espaço de esquecimento e não de lembranças que constituem a memória.

---

<sup>4</sup> - Mãe, qual é o feminino de ser humano? – Ser humano é uma expressão que parece não ter feminino... Se bem que haja controvérsias... Existem dúvidas... Por exemplo: Pra muita gente, o homem é “ser humano” e a mulher “será humana”?”...

13

Ana Alice Alcântara Costa, ao contrário de Hildete Pereira, não afirma não se lembrar desse tipo de conteúdo sendo veiculado nos periódicos feministas brasileiros, no entanto sua narrativa especifica a modalidade de charges e tirinhas que, na sua memória, circulavam nas publicações.

*A charge que aparecia era ilustrativa de um artigo, é uma charge muito do feminismo de protesto e não com a brincadeira com a situação da mulher, da brincadeira com o machismo. Tem umas matérias, inclusive, que saíram naquela revista de história, da Rachel Soihet, que ela trabalha muito... Pra mim assim, quando você fala do referencial do riso com o feminismo, para mim é o sufragismo, isso era muito mais forte, então é muito mais uma crítica externa ao feminismo. Do feminismo de dentro para fora não tinha muito senso de humor (COSTA, 2012).*

No trecho selecionado a entrevistada pontua um tipo de ilustração que, efetivamente, era muito explorada pelas publicações brasileiras. Inúmeros textos vinham acompanhados de charges com caráter meramente ilustrativo, geralmente elaboradas com base no tema do artigo que acompanhavam. Entretanto, a tirinha de autoria de Ciça<sup>5</sup>, colocada em destaque anteriormente, não é um caso isolado de conteúdo imagético que “fala por si”, isto é, não funciona como figura de adorno de um texto escrito. Muitas charges e tirinhas foram publicadas sem necessariamente fazerem esse papel de figuração em relação ao texto escrito e isso, de alguma maneira, não marcou memórias e narrativas dessas mulheres.

Enquanto as lembranças d'O Pasquim são acompanhada de nomes, de exemplos de charges que perturbaram, de casos que causaram desconforto, o conteúdo feminista no que se refere a charges e tirinhas configura-se de modo superficial nas narrativas dessas mulheres. Iara Beleli informou lembrar-se que o periódico Mulherio fazia circular conteúdo com o que estou chamando de riso feminista, no entanto, nada em especial marcou sua memória: “[...] Eu não me lembro das charges. O que eu me lembro disso é que isso era uma resposta, do que eu me lembro agora, muito clara, ao próprio

---

<sup>5</sup> Ciça publicou em jornais como O Pasquim e Folha de S. Paulo. A personagem Bia Sabiá, muito famosa, foi criada exclusivamente para circular em publicações feministas (GOIDANICH & KLEINERT, 2011: 95). Em um universo dominado pelos homens, Ciça é uma das raras mulheres atuantes e de talento reconhecido no cartunismo brasileiro.

14

Pasquim (BELELI, 2012)”. Além disso, a entrevistada informa que o que circulava, seria uma reação a’O Pasquim.

Allan Deligne, ao se auto-questionar se podemos rir de tudo, afirma, baseado no humorista francês Pierre Desproges, “[...] podemos rir de tudo, mas não em qualquer lugar, nem a qualquer hora, nem com qualquer pessoa. É preciso, portanto, conhecer bem a situação e o que convém (DELIGNE, 2011: 31)”. O riso feminista, esse gesto que visa problematizar questões como trabalho doméstico, sexualidade, aborto, não “ri” de assuntos menos controversos que o riso “tradicional”, afinal, piadas sobre negros, judeus, mulheres, as chamadas minorias, em tese, não são assuntos que devam ser encarados com menos seriedade. O que diferencia esses risos, portanto, é quem o produz. O comprometimento com questões sociais pode sim ser utilizado como justificativa para o “mau humor” feminista. Entretanto, o que está em jogo nesse texto em particular não é o motivo de feministas não rirem de sua própria condição, visto que charges e tirinhas mostram o contrário, mas as razões para que o riso feminista não tenha marcado memórias.

Para além do argumento mais coerente que poderia supor que a ofensa e a humilhação são marcadores de memória mais eficazes, penso que a constituição do riso e, conseqüentemente, do humor, como um discurso masculino, é um fator essencial para a produção de marcas nas memórias feministas. O riso, como signo que designa um comportamento para além de qualquer objetividade, como estado de comunicação não discursivo, como fuga do domínio lógico e como ingresso no domínio afetivo (DELIGNE, 2011: 30) marca memórias. Mas, na produção de cicatrizes suficientemente profundas a ponto de comporem narrativas hoje, o discurso normativo e masculino teve prevalência.

Os esquecimentos ou as poucas lembranças que tem como protagonista o riso feminista não deve ser argumento de condenação de mulheres feministas que viveram a tensão do período ditatorial filiadas a movimentos de esquerda e a um movimento social como o feminista que, repetidamente, foram alvos de repressão política ou, simplesmente, repressão civil. Devem ser sim argumentos que motivem nossa reflexão sobre os rumos e limites do riso em nossa sociedade e as marcas que ele pode, ou não, causar. Se um riso transformador como o feminista está submetido tão intensamente ao

15

esquecimento, é preciso refletirmos sobre o tipo de riso que vem sendo promovido. É tempo de lembrar, não do passado, mas do que, quem sabe, pode nos mover para uma realidade distinta, uma realidade em que o riso feminista, e outros risos efetivamente subversivos, sejam o motor da transformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. **O riso**: Ensaio sobre o significado do cômico. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978. p. 98.

GOIDANICH, Hiron Cardoso & KLEINERT, André. **Enciclopédia dos Quadrinhos**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

GOLDBERG, Anette. **Feminismo e Autoritarismo**: A Metamorfose de uma Utopia de Libertação em Ideologia Liberalizante. Tese de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Outubro de 1987.

DELIGNE, Allan. “De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? In: LUSTOSA, Isabel (org). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. pp. 29-46).

MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)**. São Paulo: Global editora, 1980.

NIETZSCHE, F. W. Segunda Dissertação: “Culpa”, “má consciência” e coisas afins. In: **Genealogia da Moral**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PEDRO, Joana Maria. Memória, Gênero e “Artes” do Feminismo. Texto apresentado no II **SIGAM** – Simpósio Internacional Gênero Arte e Memória, na Universidade de Pelotas, entre 2 e 4/12/2009. pp. 1-14.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros Queiroz. “O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1981)”. In: **História & Perspectivas**, Uberlândia (31): 229-252. Jul/Dez, 2004.

\_\_\_\_\_. “Millôr e o Cenário Carioca dos Anos 60”. In: **Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio**. Memória e Patrimônio, UNIRIO: 2010. p. 8. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276709038\\_ARQUIVO\\_Texto-ANPUH-RIO2010.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276709038_ARQUIVO_Texto-ANPUH-RIO2010.pdf) Acesso em: 12 de março de 2011.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002.

SMITH, Anne Marie. **Um acordo Forçado**: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. In: **Artcultura**, Uberlândia, v. 9. n. 14. p 39-53, jan.-jun. 2007.